Resenha
Review

VISÕES DO PASSADO, PREVISÕES DO FUTURO. DUAS MODERNISTAS ESQUECIDAS: Ercília Nogueira Cobra: *Virgindade inútil e Virgindade anti-higiênica* e Adalzira Bittencourt: *Sua Excia: A Presidente da República no ano 2500*. Introdução e notas de Susan C. Quinlan e Peggy Sharpe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Goiânia: Editora U.F.G., 1996. 222 p.

Visões do passado, previsões do futuro ajuda a preencher um vácuo na literatura feminista e brasileira ao reeditar obras há muito fora do prelo. Como tal, também presta serviço a leitores de ficção e historiadores até pouco impedidos de estudarem a trajetória brasileira de nosso tempo. O volume reúne o ensaio *Virgindade anti-higiênica: preconceitos e convenções hipócritas* (1924) e *Virgindade inútil, novela de uma revoltada* (1927), ambos de Ercília Nogueira Cobra, assim como o romance de Adalzira Bittencourt, *Sua Excia: A Presidente da República no ano 2500* (1929). Susan Canty Quinlan se ocupou dos livros de Nogueira Cobra, de sua atualização ortográfica, prefácio e notas. Peggy Sharpe fez o mesmo quanto ao de Bittencourt. O primoroso trabalho de ambas inclui excelente introdução e notas a examinarem o contexto sócio-político da década de 20, no qual colocam as duas autoras esquecidas.

O título do tríplice volume, como o deus Jano, encara o passado e o futuro. Por um lado, oferece amostra convincente da década de 20, era importante para o país e o movimento feminista, e por outro, encoraja reflexões sobre o futuro de ambos. Escritoras significativas da época, Bittencourt e Nogueira Cobra são vozes adequadas para lhe esclarecerem a ideologia, junto a outros aspectos formativos do Brasil atual. Através de seus livros chega-se a conhecimento de importante aspecto do

percurso intelectual brasileiro dos últimos oito decênios, em direção ao final do século e milênio.

Paulistas, nascidas respectivamente em 1891 e 1904, Nogueira Cobra e Bittencourt pertenceram a uma ínclita geração de brasileiras instruídas e socialmente influentes que se empenharam em transformar socialmente seu país. Essa geração conseguiu o sufrágio universal em 1930, antes de vários países ditos civilizados, como a França e a Suíça. Essas feministas se concentraram em processos pragmáticos para fins viáveis. Sua representante mais ilustre é a grande e aguerrida Berta Lutz, citada no texto de Bittencourt. Unindo-se a outras latino-americanas, as feministas brasileiras não mediram esforços a fim de conseguirem maior poder pessoal e político (e portanto, melhor vida) para suas concidadãs e pósteras. Várias delas lutaram pelo divórcio civil, pela educação e trabalho justamente remunerado. Em atitude e enfoque, Bittencourt e Nogueira Cobra se diferenciam, mas em escopo se unem: visam nada menos que uma reforma benéfica e duradoura para sua pátria, a partir de mudança do comportamento feminino.

Ao contrário de Bittencourt, advogada, figura oficial a integrar "várias comissões governamentais" na ditadura de Getúlio Vargas, Nogueira Cobra foi, desde jovem, uma rebelde. Ao lutar pelo que via como direito inalienável da mulher a seu próprio corpo e destino, indispôs-se contra colegas da imprensa, autoridades católicas conservadoras e o governo. Missionária convicta e estridente, logo se tornou objeto de escândalo, chegando a ir à cadeia por "imoralidade" (27, 107). Os títulos de ambos os livros revelam a impaciência de Nogueira Cobra com o que via como grilhões da mulher brasileira em sua subserviência patriarcal: a virgindade cobrada tanto pela família como pela sociedade. A seus olhos, aquela não representava galardão de honra e virtude, mas empecilho – "inútil", injusto e hipócrita. Modificava o comportamento da jovem, levando-a a abandonar quaisquer idéias de autosuficiência, em troca de beneplácito social e sustento financeiro advindos da sujeição patriarcal. Após o direito à sexualidade, Nogueira Cobra via aquele da instrução seguida de exercício de profissão honrosa e bem remunerada como os próximos passos imprescindíveis nessa caminhada de liberação feminina.

Como sugerem os títulos, os dois trabalhos de Nogueira Cobra são variações sobre o mesmo tema. Quanto à novela de Bittencourt, apesar de bem formulada e escrita, consiste mais em pregação ético-política do que em obra de ficção propriamente dita. É um tratado que se lê com interesse. Ambos os livros são, porém, documentos preciosos de um movimento e uma era.

Professora, conferencista e escritora, Adalzira Bittencourt era também advogada. Ativista a lutar pelo bem-estar da mulher e criança, muito aprendeu em suas viagens ao exterior. Ao escrever seu romance, ela se voltava para o futuro longínquo, o ano 2500, ao qual obviamente moldava sua própria era idealista e tecnológica. Discípula de Jules Verne e H. G. Wells, inicia a ficção científica feminina no Brasil. Suas preocupações eugênicas revelam influência nietzscheana no sonho de uma super-raça brasileira, no físico, coração e inteligência. A capa da primeira edição de *Sua Excia.: A Presidente da República no ano 2500,* da autoria de G. Trompowski, explicita este crescimento extraordinário. Mostra gigantesca estátua feminina, em meio à ponte que de Copacabana atravessa a baía, estátua quase cinco vezes mais alta que o próprio Pão de Açúcar: concretização do ufanismo da autora a simbolizar o brasileiro médio, de 2m50, sadio, instruído e inveja do resto do mundo (160).

Tal metamorfose fora conseguida a duras penas, na derradeira década do século XX, pelas legisladoras e outras profissionais influentes. Na visão essencialista de Bittencourt, pelas qualidades de coração e apego à paz que lhes eram inerentes, as mulheres se sobrepunham a seus concidadãos, os quais finalmente se haviam convencido dessa superioridade indisputável. A obra de Bittencourt se apóia em princípios eugênicos então vigentes. Segue a linha peculiar a diretrizes fascistas na proposta de saneamento social de seres fracos (tais como doentes físicos e mentais), friamente considerados inaproveitáveis. Para Bittencourt, essa era diretriz lógica e inevitável: o sacrifício de poucos para o bem da maioria – a nação presente e futura. Malgrado essa chocante prescrição eugênica de esterilização, eutanásia e morte de recém-nascidos "anormais" (e de suas mães), em outros aspectos o livro demonstra generosidade, dedicado que é "Ao Brasil dos meus

sonhos". A autora sugere leitura multímoda: como romance, fantasia, crítica ou pedagogia (159).

Em conclusão, em sua excelente re-apresentação por Sharpe e Quinlan, as três obras, agora não mais esquecidas, se lêem com gosto e aproveitamento intelectual. Quer se crer que se fossem vivas, ambas as autoras se regozijariam com sua ressurreição: Adalzira, a biobibliógrafa de mulheres ilustres, e Ercília, a rebelde que pagou com cadeia a publicação de seus escritos.

Maria Angélica Guimarães Lopes
University of South Carolina